

## 2008 - Quando se abre a Caixa de Pandora...

Quando se abre a Caixa de Pandora&hellip;  
por: Eugénio Costa Almeida©

Um dos grandes vectores estratégicos dos dirigentes do Ministérios das Relações Exteriores dos EUA e do Reino Unido, quanto à relações externas foi e tem sido o de defender a secessão dos povos quando, e sempre, que estes, internamente, não se davam bem e desejavam a separação. Analogicamente, se um casal não se dá bem, então que se separem. Uma política iniciada em Londres &ndash; dividir para reinar &ndash; e continuada por Washington &ndash; a velha política revolucionária de todos terem direito ao seu próprio destino. Mas é uma política virada unicamente para países estrangeiros. A Escócia, a Irlanda e os próprios EUA ou Gibraltar são exemplos disso. Foi, e tem sido, sempre assim ao longo dos séculos. Portugal foi um dos países que gozou dessa política anglófona secessionista. Foi-o, também, com as colónias europeias continentais do pós-II Guerra Mundial. Como, ainda, concordaram com a divisão da Alemanha; se não há entendimento com os russos, dividamo-la. Foi por isso, também, que os britânicos e os EUA vitoriam a implosão da URSS e consequente desmembramento. Foram, igualmente, dos primeiros a reconhecer, de imediato, os novos Estados saídos da Perestroïka. Foram também eles que apoiaram o desmembramento da ex-Jugoslávia e a criação de Estados sem qualquer viabilidade de sobrevivência. Um desses Estados nunca tinha tido qualquer tipo de existência até Tito o ter criado por ter sido lá onde nasceu. Por isso não surpreendeu que os EUA e o Reino Unido tenham sido dos primeiros a incentivar a independência do Kosovo e a reconhecerem o novo Estado europeu mesmo que isso contrariasse as posições mais moderadas de alguns dos seus aliados ou entrasse em confronto directo com o ainda &ldquo;novo&rdquo; amigo e aliado, a Rússia. Todavia, esqueceram-se que os russos não têm memória curta, como sempre o provaram, além de terem aprendido, com os chineses, a serem pacientes. Os russos quando foram &ldquo;derrotados&rdquo; na Guerra-fria ganharam o direito, previsível e habitual nos &ldquo;vencedores&rdquo; anglófonos, de serem ajudados pelos EUA e pela Europa rica. Pagaram-lhes para desmontarem o material bélico obsoleto, mas esqueceram-se do mais recente. Ajudaram-nos a reciclar algumas das suas estruturas económicas e pagaram-lhes para levar os seus astronautas para a Cidadela Espacial que está a ser construída por cima das nossas cabeças. Deram-lhes acesso a novos componentes informáticos. Os russos tudo absorveram com paciência e inteligência enquanto iam modernizando o seu aparelho militar, ao mesmo tempo que se insinuavam nas passerelles diplomáticas. O Ocidente andava, unicamente, preocupado com o avanço económico-diplomático da China, nomeadamente em África de onde ainda lhes chega a maioria das matérias-primas a um preço inferior ao da chuva na época dela, e com a possibilidade de armas atómicas obsoletas da antiga URSS pudessem cair nas mãos da Máfia eslava ou dos integristas islâmicos. Quando os britânicos e norte-americanos decidiram reconhecer a independência do Kosovo, os Russos alertaram que aqueles estavam a dar um passo gigantesco contra-natura e perigoso. Não ligaram e avançaram para o reconhecimento. Acabavam de abrir a Caixa de Pandora! O Ocidente, pelo menos aqueles que decidiram seguir os passos dos dois potentados anglófonos, reconheceram a independência do Kosovo e não ligaram aos alertas russos. Não chegou a um ano para o ocidente ver que os russos não estavam a fazer avisos em vão. Paulatinamente foram ganhando poder diplomático e económico a que juntaram uma reestruturação militar modernizada e forte. Deram provas de já não precisar do Ocidente na questão do Zimbabué ao apoiarem, sem que isso, numa primeira vista, lhe seja interessante. Todavia, o seu ainda principal aliado, Angola, está perto e é um dos maiores aliados de Mugabe além de estar em disputa eleitoral, onde o partido maioritário deseja manter e reforçar o poder. Avisaram os EUA e os países limítrofes dos perigos de colocarem o célebre &ldquo;escudo antimíssil&rdquo; norte-americano perto das fronteiras russas. Ganharam o desafio, embora não totalmente, porque conseguiram que os EUA colocassem os ditos &ldquo;escudos&rdquo; em países mais afastados das fronteiras da Rússia. Mostraram-no agora na crise do Cáucaso &ndash; e isto apesar da Geórgia já ter pedido a adesão à NATO &ndash; onde continuam a manter o poder militar e político sem se preocupar com a presença de vasos de guerra norte-americanos nas costas georgianas. Complementaram-no, agora, com o reconhecimento unilateral da independência de duas províncias secessionistas georgianas, a Ossétia do Sul e a Abcázia. O Ocidente deixou de ter moral para não reconhecer o direito a estas independências. Tal como não conseguirá &ndash; nem sei se terá essa vontade &ndash; de deixar de reconhecer as vontades secessionistas de Biafra, [Cabinda,] Príncipe ou Shaba/Catanga, quatro regiões africanas muito ricas em muitas das matérias-primas necessárias ao Ocidente. Como abriram a Caixa de Pandora&hellip;26/ago/2008©Publicado no semanário angolano Semanário Angolense, edição nº 280, de 30 de Agosto de 2008 (edição PDF 30/Ago-6/Set, pág. 42)